

**Figuras** – Série 1, *Sem título*, 2017. Fotografias produzidas pela autora.



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/imagens-e-corpo/>

## Imagens e corpo sob constelações infectas

Mariane Schmidt da Silva [1]

**RESUMO:** As imagens, ainda identificáveis, mas já querendo escapar: o contorno de uma mão, a dobra de um braço, o desenho de uma silhueta, as cores meio sangue. Sobre elas, sempre se pode produzir uma nova camada de vida, como um contágio incessante. Neste artigo, pensar com quais corpos temos habitado o mundo: propor operações que desestabilizem corpos forjados entre as placas de *petri* dos laboratórios e os quadros negros das escolas. Movidos pelos conceitos de Deleuze e Guattari e pelo desejo de criar um *Corpo sem Órgãos*, a partir da produção de imagens, desenhar um mapa que leve a desestruturação do corpo organizado, entupido. Mapas-imagens que se criam nos encontros com obras de Dora Longo Bahia e Rafael Assef e na experimentação de novos movimentos, entre velocidades e lentidões. A pele que já não é mais pele. Manchas que se dissipam. O movimento da mão que acelera. O corpo fugindo à identidade, como quer Clarice Lispector em “A Paixão Segundo G.H.”, e vibrando sob constelações, ele mesmo sem nome.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imagem. Corpo. Arte. Biologia.

---

### *Images and body under infected constellations*

**ABSTRACT:** The images, still identifiable, but already wanting to escape: the contour of a hand, the bending of an arm, the drawing of a silhouette, the colour half blood. Over them, one can always produce a new layer of life, as a never-ceasing contagion. On this article, to think with what bodies we have inhabited the world: to propose operations that destabilize bodies forged between petri dishes on the laboratories and blackboards on the schools. Moved by Deleuze and Guattari’s concepts and the desire to create a “body without organs”, through the production of images, to draw a map that takes to the disruption of the organized body, obstructed. Maps-images that are created on the encounters with works of Dora Longo Bahia and Rafael Assef and by the experimentation of new movements, between velocities and slowness. The skin that is no longer skin. Spots that dissipate. The movement of a hand that accelerates. The body escaping identity, as wishes Clarice Lispector in “A Paixão Segundo G.H.”, and vibrating under constellations, he, himself, without a name.

**KEYWORDS:** Image. Body. Art. Biology.

---





*Then the body memory kicks in  
And I trust the unknown  
Unfathomable imagination  
Surrender to future*

*Oh, how to capture all this love  
And find a pathway for it  
Like threading an ocean through a needle  
River through a keyhole  
Can't fathom the grasp  
I can't grasp the fathom*

*(Björk, Body Memory, 2017)*

## **Memórias do corpo: amor, futuro e desordem [2]**

De ritmo aparentemente inconcluso e sons tecnológicos a música se inicia. É como se houvesse uma floresta ao fundo, como se tudo estivesse à meia luz, e só fosse possível enxergar o contorno das coisas. Uma floresta ocupada por milhares de seres desconhecidos, de espécies não catalogadas. Seres que são como uma mistura do encontro entre vários corpos. Amalgama. Patas, troncos, cabeças e asas. Grunhidos que não sei bem de onde vêm, mas sei que são reais. Que, se ouço a música e fecho os olhos, todo esse mundo se abre, o arrepio percorre a pele, os pêlos se eriçam.

A floresta é real, eu sinto sua umidade, eu sinto o desconforto, eu me sinto como se em outro tempo. A música me carrega pra outro tempo. Um tempo que começa nos ouvidos, e ecoa pelo interior do meu corpo. Milhares de vozes e histórias se fundem entre si, se fundem a mim mesma. As intensidades não param de crescer com as vozes. Essas vozes que estão aqui, agora. Esses seres que estão aqui e agora, a minha volta, respirando em meu pescoço. E pouco a pouco desaparecem.

“E então, a memória do corpo acontece”, Björk diz. A memória do corpo como um caminho. Não apenas ou, não necessariamente, de lembrança, mas de transformação, da concretização do que é



incompreensível como força de captura do amor. “Como capturar todo esse amor, e encontrar um caminho para ele?”, talvez seja o principal problema que se move com a música, que vem nos encontrar aqui, nesse mapa que está sendo escrito agora, que também deseja a construção de um corpo pelo qual se passe amor, se multiplique amor. E pode ser que nem se trate de construção, mas da “experiência de uma falta de construção” (Lispector, 1998, p. 27).

Deleuze e Guattari narram ao pensar o “amor cortês”: “trata-se de criar um corpo sem órgãos ali onde as intensidades passem e façam com que não haja mais nem eu nem o outro” (Deleuze & Guattari, 2012, p. 21). O amor como desejo que se deixa fluir, como a fusão do interior e do exterior, como essa força incompreensível. “Pois é pela escrita que devíamos animais, é pela cor que devimos imperceptíveis, é pela música que devimos duros e sem recordação, ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso” (Deleuze & Guattari, 2012, p. 63).

“E eu confio no desconhecido / Imaginação incompreensível / Render-se ao futuro”. O futuro é, ao mesmo tempo, aquilo que está sempre aqui, neste instante, e aquilo que ainda não tem forma. O futuro é como linha que se tece no agora. “Meu esforço: trazer o futuro para já” (Lispector, 1998, p. 30). O futuro é esse desconhecido, que se abre invisível a frente de nossos olhos, que se abre dentro de nós. Que monta, desmonta, remonta um corpo que pode imitar toda uma montanha, ou que é simplesmente feito de musgo. O futuro é lutar com o destino, recusar a aceitar o que era pra ser. Ser guiado pelo fluxo dos ancestrais. “Convocar corpos diferentes / Comparar colunas e nádegas / E nucas”.

Estou dentro dos grandes sonhos da noite: pois o agora já é de noite. E canto a passagem do tempo: sou ainda a rainha dos medas e dos persas e sou também minha lenta evolução que se lança como uma ponte levadiça num futuro cujas névoas leitosas já respiro hoje. Minha aura é mistério de vida. Eu me ultrapasso abdicando de mim e então sou o mundo: sigo a voz do mundo, eu mesma de súbito com voz única (Lispector, 1998, P. 24).

“Bestialidade / Eu redimo meu corpo”. A memória do que vem se fazendo do corpo. A memória de uma história de disciplinamento do movimento, de disciplinamento de um corpo que se queria



sempre em transição. De um corpo que se constitui orgânico, mas que desde antes do nascimento, carrega marcas violentas da retenção dos fluxos, de um mundo violento que ali se imprime. “Estou presa num arreio legal / Ao estilo Kafka / Farsa como o patriarcado / Evitei enfrentá-lo”.

Encontrar-se com a bestialidade é resistir a todo esse aparato complexo construído pela humanidade para domar os corpos. A bestialidade é perceber-se orgânico novamente, é a escuta dos ancestrais, é dar passagem ao fluxo que é viver o corpo. É a desordem de que fala Clarice quando diz: “mas bem sei o que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que no entanto dá a pressentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade” (Lispector, 1998, p. 27). É viver o corpo e permitir que o outro também o viva. Que talvez se viva junto, num plano que não admite mais o “eu” e o “outro”. Corpos que se fundem. “E então minha memória corporal entra em cena / Todos os seios e abraços / Entradas orais e anais / Aproveitam a satisfação / Se o outro estiver crescendo”. Se o outro estiver crescendo em mim, envolto de amor, apontando agora para o futuro, resistindo como grande desordem orgânica.



Tudo começa aqui. Depois ou junto com essas palavras que saem pulsantes, parecendo meio soltas, meio fora de lugar, numa página meio imprecisa. Começamos sem querer esclarecer nem onde estamos e nem bem onde queremos chegar. Mas, conforme o mapa vai sendo traçado e as trilhas abertas, me ocorre que, na verdade, essas palavras iniciais já contêm tudo. Enquanto penetramos a mata densa aprendemos a olhar com toda pele que somos para sentir o imperceptível: que modos de vida são produzidos por forças e afectos [3]. Estes são caminhos sem volta.



### **Início, meio ou fim: desenhos de um mapa inconcluso**

Começamos sempre com um problema. A criação vem sempre a partir da necessidade, já dizia Gilles Deleuze em conferência sobre “O ato de criação” em 1987. E o pensamento a partir de um golpe violento. Não uma boa vontade, não uma inclinação natural. Mas uma queda, um



deslocamento. A sensação de ser atravessado pelo mundo e seus habitantes. Um encontro gerador de infinitas microfissuras de onde podem vazar um corpo ou, todo um universo.

É preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada. Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade. Essa necessidade — que é uma coisa bastante complexa, caso ela exista — faz com que um filósofo (aqui pelo menos eu sei do que ele se ocupa) se proponha a inventar, a criar conceitos [...] (Deleuze, 1987, p. 4).

Fomos golpeados. Caímos. Precisamos abrir uma passagem.

Deleuze (1987) comenta que, entre toda atividade criadora, seja em filosofia, cinema, pintura, ciência, escrita, existe algo em comum. Quando nos propomos a criar, em qualquer uma dessas disciplinas, estamos fabricando “espaços-tempo”. Por isso dizemos que, de um encontro pode vazar um universo: todo um novelo cujos relevos, cuja duração, cujos habitantes são sempre singulares, só existem ali. Essa é a potência da criação: escapamos aos corpos já organizados, estratificados, aos fascismos a eles já implicados. Criamos possíveis e impossíveis que permitem toda uma nova condição de existência, nunca sedimentada, mas que é atualizada a todo momento.

Começo aqui a tatear quais problemas nos forçam a criar as linhas aqui escritas. Um processo acadêmico [4] se fazendo como oportunidade de protesto inventivo, de lançar e perseguir linhas de fuga. Fissuras que talvez levem a um outro mundo habitável. Que nos permitam ser inventores desse novo habitat.

Tentamos produzir imagens, linhas, escritas que nos puxem pela pele, consigam nos virar do avesso, nos levem para visitar outros lugares, borrem os limites dos sujeitos, disparem em nós





vontades não humanas. Disparem choques sutis que abram buracos e espalhem o que há de mais indomável nas tessituras do existir.

As imagens, quase não, mas ainda identificáveis: o contorno de uma mão, a dobra de um braço, o desenho de uma silhueta, as cores meio sangue. Figuras que talvez consigam se concretizar num imaginário já sedimentado, mas ao mesmo tempo já querendo escapar. Formar outra coisa. A pele que já não é mais pele. Manchas que se dissipam. O movimento da mão que acelera. O corpo fugindo à identidade. Vibrando sob constelações, ele mesmo sem nome.

E é a partir daí, é a partir de um texto-imagem, de imagens que já dizem muito por si só, sem precisar, necessariamente, de explicação, que se busca abrir espaços para que se concretize uma existência que experimenta outros contornos. As imagens dizem muito por si só, mas também expelem inúmeras linhas de possibilidades, de futuros que só acontecem a partir delas. Possibilidade, por exemplo, de se desenhar esse mapa de escritas que nasce com elas, na tentativa de traçar caminhos que talvez nos levem a novas dimensões.



**Figuras** – Série 2, *Sem título*, 2017. Fotografia produzida pela autora.





## Mundos de concreto que desmoronam

[...] ser leve, tatuado de tudo, tatuado de nada, ser o estilete, a mão, a tinta, a figura, ser um mitocôndrio, e não há dúvida que vocês não sabem o que é o mitocôndrio, o bom da biologia é saber por exemplo, o que é o mitocôndrio, pegar o seu micrógrafo eletrônico e olhar o mitocôndrio, e vem a propósito o mitocôndrio porque estou no meu jardim e os plastídios verdes das plantas se parecem aos mitocôndrios, não se aborrecam comigo, pois quando se sai do próprio corpo o mitocôndrio fica uma coisa tão simples e é por isso que falo dele.

(Hilda Hilst, 2003, p.27)

Começamos pela formação e pela Biologia. É (também) através dessas disciplinas que transitamos. Elas nos provocam, disparam em nós uma necessidade, compõem um problema, geram pensamento e milhares de incômodos e vontades que seguem pulsantes.

O que vê um estudante que se depara com a representação de uma célula? Um “mitocôndrio”, um plastídio? Ou com a representação do sistema linfático? Os capilares desenhados no corpo que se apresentam nos esquemas desenhados nas lousas ou impressos nos livros didáticos, percorrem também o interior de seu corpo? Que capilares as imagens agenciam? Que corpos alunos, alunas, professoras, professores, constroem para si com as imagens? Que mundos se escondem ali nos lugares da formação? Que mundos podem irromper daquele olhar que caminha rapidamente página por página? Ou daquele olhar que se depara quase acidentalmente com as cores das fotografias entre uma explicação e outra?

Passamos pelas imagens. Passamos por um corpo.



Que as imagens façam deslocar o corpo já quase todo encoberto de conteúdos e estruturas e mecanismos já traçados. Que olhemos quase que secretamente, como se cada imagem se isolasse, se descolasse de onde veio, saltasse às páginas inflexíveis inscritas pelas grandes instituições, às vezes banhadas pelo moralismo das religiões, ou mesmo pelos clichês instituídos na própria arte.

Olhar como se marcasse um encontro clandestino. Um encontro clandestino entre o olhar e o corpo, entre olhar e imagem, que constrói nesse *entre* um novo mundo de possibilidades. Ou impossibilidades.

Roubar o corpo-imagem da exigência de ensinar e aprender nomes e funções específicos. Exigências que, muitas vezes, persistem em reprimir olhares que seriam capazes de fazer o corpo dançar. Nomes e funções, modos de operação, olhares disciplinados estéreis da ousadia que sensações (não) podem conter.

É da ousadia de olhar e sentir que quer se alimentar essa escrita, essa proposta criativa. É o experimentar de sensações com imagens que catalisa esse processo. Reações não determinadas e não determinantes por procedimentos ainda por serem descobertos.

Mundos improváveis ainda por serem fabricados. Assim como parece improvável perceber os caminhos dos impulsos nervosos durante as aulas de Biologia ao olhar as imagens artificialmente coloridas dos neurônios impressos nos esquemas dos livros. Improvável como devir-animal. Durante a aula. Improvável. Como a produção de um Corpo sem Órgãos de alunos e professores e funcionários e diretores que não são mais isso. Eles ocupam todos os lugares e simultaneamente ocupam lugar nenhum.



Impossível: imagens que abrissem mundos não escolares dentro da escola. Meus muitos corpos como vetores da desordem. Meus muitos corpos que costuram um coletivo que se (de)forma, desforma, constantemente se reforma: corpo coletivo sem forma que desconstrói a escola, abre rupturas nas paredes das salas de aula, trinca os quadros negros com o giz, rasga as páginas dos cadernos com tinta, faz rizoma com o lado de fora. Evidências de um corpo que atravessa as mediações biológicas e se alia ele mesmo, muito autonomamente, com as sementes, com os fungos, com as vespas.

A possibilidade revolucionária pode sempre ser localizada a partir de uma impossibilidade que ela torna real, e pelo fato de que um processo se desencadeia secretando outros sistemas de referência exatamente ali onde o mundo se achava fechado (Lazzarato, 2014, p.22).

Assim, queremos e precisamos falar de formação. Dizemos que ela se dê prioritariamente como uma construção de identidades pré-moduladas por naturalizações científicas, médicas, sociais, tidas como um sistema que faz questão de dar forma aos corpos, pressionando-os por todos os lados, traçando limites que pareçam cada vez mais definidos, contornos mais grossos. Mas, admitimos também, que a vida tende a cavar buracos por onde possa escapar, fluir e contaminar matéria, corpos, produzir tempos e espaços. Um atestado de resistência, que é justamente por onde esse texto deseja caminhar.

É possível que sintamos uma grande lassidão, uma fadiga que poderia bastar para definir nossa modernidade: mas a sensibilidade ao intolerável, esse afeto que nos deixa paradoxalmente sem afeto, desafetados, desarmados diante das situações elementares, impotentes em face da universal ascensão dos clichês, constitui uma emergência positiva, no sentido menos moral da palavra, a emergência de alguma coisa que não existia antes e que induz uma nova imagem do pensamento (Zourabichvili, 2016, p. 49).



E ainda quer-se acreditar que a Ciência não seja política. Que interesses de produção, por mais imperceptíveis que o sejam, não se infiltram dentro dos laboratórios, e que esses mesmos interesses não ajudem a nomear o mundo, as plantas, os insetos, a floresta, os corpos. A Ciência também é uma disciplina que cria e inventa, diz Deleuze (1987).

Quer-se acreditar que as classificações científicas contemplem todo um universo feito de diferenças. Dentro do universo, o mundo; Dentro do mundo, a vida; Dentro da vida, as plantas; Dentro das plantas, uma espécie; Dentro da espécie, alguns exemplares. Cientistas: os grandes mestres das generalizações e tementes das exceções. “Estamos longe ou perto da floresta?”, pergunta Bruno Latour (2001), em suas perambulações pelos campos de pesquisa e laboratórios da Botânica:

[...] Perto, pois ela pode ser encontrada aqui, na coleção. A floresta inteira? Não. Nem formigas, nem aranhas, nem árvores, nem solo, nem vermes, nem os bugios, cujos guinchos podem ser ouvidos a quilômetros de distância estão presentes. Apenas aqueles poucos espécimes e representantes que interessam à botânica entraram para a coleção. Achamo-nos, pois, longe da floresta? Melhor seria dizer que nós estamos a meio caminho, possuindo-a toda por intermédio desses deputados, como se o Congresso contivesse os Estados Unidos inteiros, Eis aí uma metonímia assaz econômica tanto em ciência quanto em política, graças a qual uma partícula permite a apreensão do todo imenso (Latour, 2001, p. 50).

E é dentro desse cenário, dentre os passos concernentes à atividade de tentar encaixar toda possibilidade de vida em um mesmo sistema de entendimento, que sabemos que a todo o tempo perdemos um pedaço. Vamos perdendo pedaços a cada tentativa de normatização das existências. A cada nova classe criada, exclusões incessantes das existências vão se materializando. A Biologia ocupa justamente este lugar, trata-se de: “um jogo exatamente biopolítico” (UNO, 2012, p.109). Assim, podemos dizer, com Kuniichi Uno (2012, p. 110) de corpos vivos que são invadidos pelo biopoder: “O corpo biologizado transforma-se em substância cada vez mais analisável, operável, permeável, normalizável [...]”.



Modos de agir compulsórios introjetados em corpos estratificados e ridiculamente dóceis. Reduz-se o corpo ao organismo. Corpo que é organizado, estratificado, formatado, significado, sujeito. O corpo organizado “do qual os médicos se aproveitam e tiram seu poder” (Deleuze & Guattari, 2012, p. 24). O corpo estratificado nomeado e fragmentado por uma ciência da utilidade. Corpo sempre em busca de uma identidade. O corpo significado e sujeito, que faz intérpretes e interpretados, sujeito fixado. Processos que extraem do corpo o trabalho útil (Deleuze & Guattari, 2012). Processos imperceptíveis, quase invisíveis e muito eficientes. O que devemos ser? Os mapas já foram definidos!

Você será organizado, você será um organismo, articulará seu corpo – senão você será um depravado. Você será significante e significado, intérprete e interpretado – senão será desviante. Você será sujeito e, como tal, fixado, sujeito de enunciação rebatido sobre um sujeito de enunciado – senão você será apenas um vagabundo (Deleuze & Guattari, 2012, p. 25).

Existiram e existem, no entanto, possibilidades de abrir buracos nessa instituição cuja rigidez faz lembrar as espessas paredes de cimento que protegem os mais prestigiosos laboratórios da Ciência. Abrir buracos e fazer jorrar um *ser biólogo* que se faz no subterrâneo. Um ser biólogo que se torna impreciso e borrado. Que é atravessado por tanta matéria, por tantas proposições, que sofre tantas acelerações e desacelerações que seria quase impossível tentar traçar um rosto. As biologies sem identidade, que não formam sujeitos, mas cospem todo dia uma nova brecha para a involução [5].

Questões emergem da possibilidade de (re)inventar um corpo. Havendo ainda, a inevitabilidade de pensar com que corpo temos (di)vagado. Que corpo está na Biologia? Que corpo no processo de formação de modelos e moldes? Num processo de imposição de formas? Que vidas? Pois uma série de agenciamentos invadem um corpo indisponível, adestrado. Toda uma lógica de relação com o corpo se constitui na biopolítica, como nos contava Kuniichi Uno. Estruturas quase inabaláveis que dão permissão para instituir um modo determinado de existir-corpo: transformações e próteses que configuram padrões à nível de reprodução, saúde, estética, prazer.



As perguntas que fazemos não querem ser respondidas aqui, mas disparam toda uma vontade de subversão. De possibilidade de montar toda uma nova política de vida. Uma política dos afectos que consiga perfurar Ciência, Biologia, Organismo. Ou que usemos a Ciência como disciplina inventiva para criar novas lógicas (ou mesmo que escape a qualquer lógica), talvez uma biologia das exceções, uma ciência das anomalias, a partir de imagens anômalas.



### **Imagens e corpos que nascem**

É preciso contar como se chega à produção do mapa. É necessário delinear o início, a linha que estremece e provoca o que se sucede aqui. Como o estudo de um grande abalo sísmico, que leva abaixo as mais altas e sólidas construções da humanidade, e que cria uma nova paisagem, um terreno irregular que, inevitavelmente, requer a criação de um novo mapa, com um novo desenho.

O início é o encontro.





As imagens se entrelaçam ao texto, pois são parte dele. Nos encontramos com as palavras, assim como nos encontramos com as imagens: com o corpo todo.

Nas “séries 1” e “3”, o corpo fotografado é atingido por projeções de imagens de obras de arte. A “Série 1”, composta por encontros com a obra “Jogo” (2006) de Rafael Assef, e a “Série 3”, se encontra com “Fotografias Infectas” (1999) de Dora Longo Bahia.

Elas são fotografias de um corpo que quer escapar a forma, e talvez quase consiga. São fotografias de um corpo desfeito, em plano fechado, imagens de recortes, de partes identificáveis ou não, de um ombro, braços, mão, barriga, da pele que está próxima e se funde a essas outras produções, que vem de outros tempos, seres e mundos. Elas acontecem apenas através do encontro.

Em fotografias infectas uma multidão de seres que habitam a superfície das fotografias na obra de Dora Longo Bahia (1999). Um mundo sobre outro mundo. Um cultivando o outro. Um penetrando o outro. Criam ainda um terceiro mundo: fotografias infectas. Que só existe quando os fungos crescem na superfície da imagem. Só existe na relação entre dois mundos.

Ousamos ainda então, mais uma, duas, três camadas sobre as fotografias infectas. Às projetamos sobre um corpo. Deixamos que elas contaminem: a multidão que habita a fotografia sobre um corpo que, por si só, já é um universo. Propondo novas linhas, desenhos, mapas, constelações. Que explodem! Pois sobre a imagem sempre se pode criar uma nova camada de vida. Pensamos as imagens como um contágio incessante.

Já na “Série 2”, o corpo está movimento, em desfoque pela aceleração e desaceleração, pela alternância de velocidades e lentidões. Vestígios do movimento como modo de viver um processo de pesquisa no próprio corpo. Quais sensações são despertadas por esse processo de busca de um



modo de existir-corpo que não se sujeite as estruturações e disciplinamentos já estabelecidos? Pra onde levam essas sensações? Quais os movimentos que são provocados aí?

É nesse deslocamento que se produzem as fotografias da “Série 2”. Vivenciar a pesquisa a partir do corpo em movimento foi a questão levantada na disciplina “Arte do movimento: educação somática, criação e pesquisa”, ministrada pela Professora Doutora Renata Bittencourt Meira em 2016 e que levaram a experimentações corporais que permitiram improvisações, escritas, performances e a produção das imagens que aqui se colocam.

A partir daí engendramos nos encontros com imagens um modo operativo para (re)inventar esses corpos, espaços e temporalidades tão insistentemente territorializados. Encontros com imagens como um modo de cultivar um corpo singular, que possa sensibilizar-se e preparar-se para a abertura de novos mundos dentro de territórios que já parecem totalmente estratificados.

As imagens são recursos, armas capazes de efetuar desterritorializações, mesmo que de terras microscópicas. Pequenas perfurações que permitam que novas vidas contaminem também outras produções, a escrita, a escola, talvez a própria rotina da Ciência, dos processos formativos, das existências dos corpos.

Com esse mapa feito entre imagens e escritas apresentadas aqui, procura-se deformar a figura do corpo antes instituído como conjunto de órgãos. Elas se propõem ao dilaceramento da figura do corpo. Ao desenho de uma nova forma, que muitas vezes parece longe do conceito que trazemos de corpo, conceito fixado desde a infância inclusive pela escolarização do pensamento. “Deleuze mostra como a pintura, quando se dedica a ‘reproduzir’ a sensação, enfrenta um problema novo: ‘pintar as forças’” (Zourabichvili, 2016, p. 70). Nesse caso, discorre Zourabichvili (2016, p. 70), “ela abandona então o corpo formado, figurativo, para chegar por meio de deformações à figura, isto

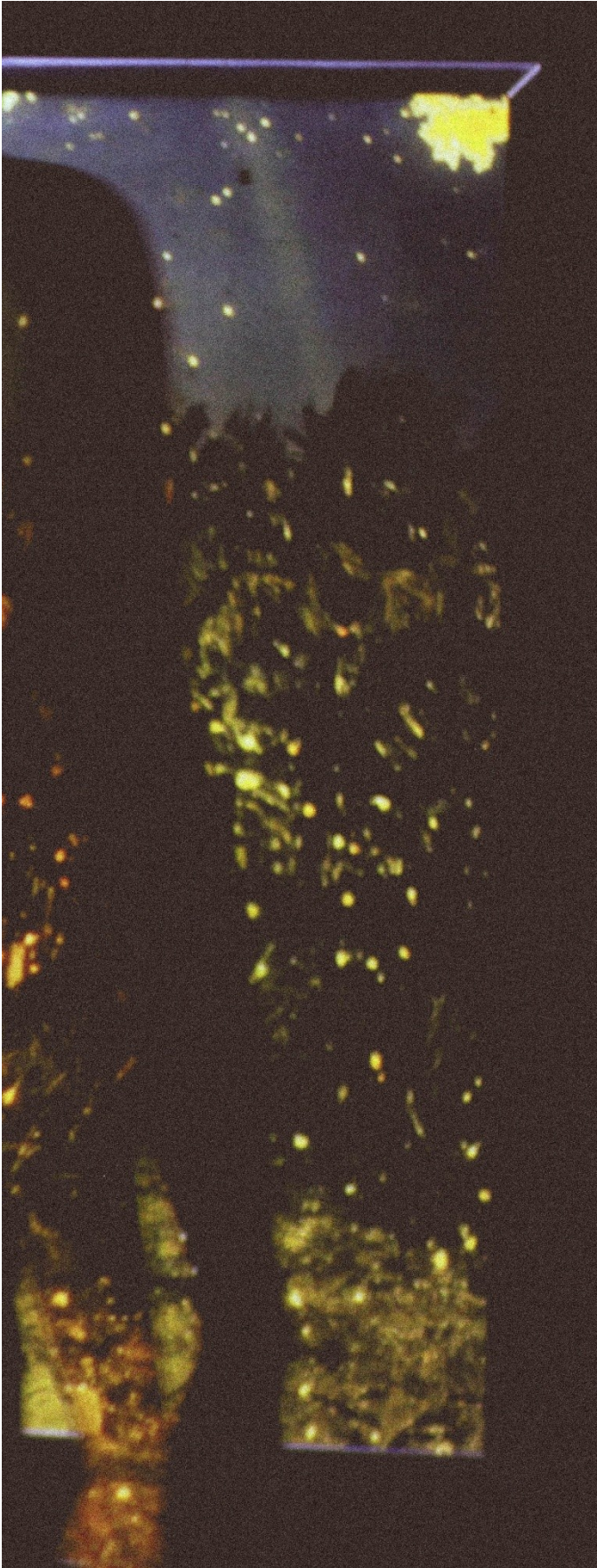


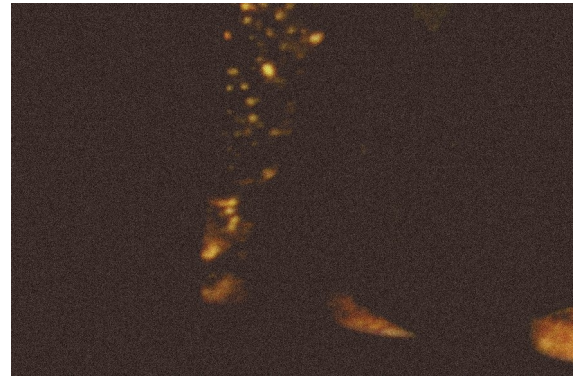
é, a um corpo que não mais se define por partes funcionais (órgãos), mas por zonas de intensidade, que são limiares ou níveis, compondo um ‘corpo intenso’ ou ‘sem órgãos’”.

A vontade é, além disso, a partir dessas deformações da figura do corpo, da invenção de uma nova imagem transitória, irreconhecível, inexplicável, em devir, ampliar o espectro de ação do corpo, sua potência, pois desde sempre as possibilidades de movimento vem sendo podadas, disciplinadas. A vontade de forçar o corpo ao movimento: “a expressão é a sensação. A sensação é o corpo ou o corpo é a sensação. Não é a estrutura corporal que interessa, mas o que ela expõe. Já está além de corpo-carne e corpo-osso. Ultrapassamos a fronteira: todo movimento, toda elasticidade, toda distensão advém da sensação” (Zanesco, 2012, p. 67).

Nos arriscamos por lugares que não necessariamente habitamos como lugar de formação: olhamos obras de arte, produzimos fotografias do e com o corpo. Corremos esse risco, mas não buscamos uma compreensão dos significados ou intenções que possam acompanhar o processo de produção ou a própria obra de arte. Nos interessam a potência que reside na imagem e os universos que se criam no encontro com elas: nosso interesse está no campo dos afectos, e não preponderantemente no campo das significações.

O que se deseja fazer é perfurar a ciência dura, deixar vazar e costurar muitos outros mundos, muitos outros corpos na imanência desses entre-lugares. Um meio. Campo de linhas indefinidas. Indelimitável. Lugares de habitantes desconhecidos. Lugares sem nome. Lugares que não são começo nem fim. Lugares que são eles próprios um acontecimento. Geografias que sejam talvez ainda inexistentes, prestes a irromper.





**Figuras** – Série 3, *Sem título*, 2017. Fotografia produzida pela autora.

### **Encontros com arte, imagens e baratas**

Se o corpo pode ser um corpo-escrita, corpo-imagem, corpo-existência, o que é a imagem de um corpo? Ou o que é uma obra de arte que faz criar um corpo? Não nos limitemos a pensar o corpo apenas como esses fragmentos, essas partes materiais de carne e sangue. O corpo é carne, o corpo é sangue, o corpo pulsa! Mas uma imagem do corpo que escapa é mais do que uma imagem carregada figurativamente de partes do corpo ou da matéria que se contorce, distorce, grita, deforma.

Uma imagem do corpo que escapa é uma imagem que agencia possibilidades, aberturas para que possamos construir um corpo próprio – um modo de existência próprio. Aquela imagem que produz linhas de fuga, que produz espaços. Que produz tempo. Que produz afectos. Sensibilidades. Arrepios. Alterações nas velocidades. Mesmo que por um instante me desloca de um lugar ou de um tempo cronológico e me convoca a uma dimensão criada ali. Uma imagem do corpo que escapa é ela mesma uma imagem viva.



E como se olha a imagem viva? Se olha como barata. Olhar como a barata, que é ela mesma aquele vislumbre de um “mundo primário”, olha G.H.: “a barata não me via com os olhos mas com o corpo” (Lispector, 2009, p.75). Olhar como possibilidade de desfazer um mundo já se descobrindo em outro. Por isso já não importa de onde vêm essas imagens, elas estão o tempo todo derretendo e escapando entre os nossos dedos. “Nesse mundo que eu estava conhecendo, já vários modos que significam ver: um olhar o outro sem vê-lo, um possuir o outro, um comer o outro, um apenas estar num canto e o outro estar ali também: tudo isso também significava ver” (Lispector, 2009, p. 75). Um ver o outro ocupando lugares que se fazem entre essas conexões, entre-lugares, entre-mundos: “todo um trabalho rizomático da percepção, o momento em que desejo e percepção se confundem” (Deleuze & Guattari, 2012, p. 81).

G.H. vive a experiência da desorganização justamente porque ao olhar para a barata, a barata também a olha. Aí está o esvaziamento de que fala Didi-Huberman. O vazio se mostra na barata porque a barata arranca a forma de G.H.. Ela atualiza toda uma rede de possibilidades, de corpos. O olhar da barata toma e abre o corpo de G.H. como o olhar de um túmulo também o faz: “É a angústia de olhar o fundo – o lugar – do que me olha, a angústia de ser lançado à questão de saber (na verdade, de não saber) o que vem a ser meu próprio corpo, entre sua capacidade de fazer volume e sua capacidade de se oferecer ao vazio, de se abrir” (Didi-Huberman, 1998, p. 38).

Ao sermos olhados por um túmulo, ao sermos tomados pelo vazio e arrebatados pela perda, ao sentirmos nosso corpo se abrir, cindir, nos vemos tentados a “tapar os buracos, saturar a angústia que se abre em nós diante do túmulo, e por isso mesmo nos abre em dois” (Didi-Huberman, 1998, p.38). Provavelmente como quando G.H. insiste que ainda haveria tempo de recolher seus pedaços espalhados de humanidade, de se organizar de novo: “O que vi não é organizável. Mas se eu realmente quiser, agora mesmo, ainda poderei traduzir o que eu soube em termos mais nossos, em termos humanos [...]” (Lispector, 2009, p. 67).



“Vê, meu amor, vê como por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório sem logo querer organizar a esperança” (Lispector, 2009, p.66). Aí, nesse encontro entre olhar e ser olhado por túmulos ou baratas, existe a tentação de não se entregar ao invisível, porque o invisível é incerto e arrebatador. Uma tentação de permanecer “*aquém da cisão* aberta pelo que nos olha no que vemos. Atitude equivalente a pretender ater-se ao que é visto. É acreditar – digo bem: acreditar – que todo o resto não mais nos olharia” (Didi-Huberman, 1998, p.38). Ou que a “matéria branca” da barata de repente pararia de se espremer para fora. Apenas acreditar porque, como já dissemos, esses são caminhos sem volta. “É decidir, diante de um túmulo, permanecer em seu volume enquanto tal, o *volume visível*, e postular o resto como inexistente, rejeitar o resto ao domínio de uma invisibilidade sem nome” (Didi-Huberman, 1998, p.38). Aí está a força da imagem, em suas substâncias visíveis e invisíveis, e também sua violência: “Sou: o que vi. Não entendo e tenho medo de entender, o material do mundo me assusta, com os seus planetas e baratas” (Lispector, 2009, p. 66).

Mas onde a vida flui é na tentativa de se entregar a desumanização, a involuções e desorganizações. Construir um corpo sem órgãos (CsO):



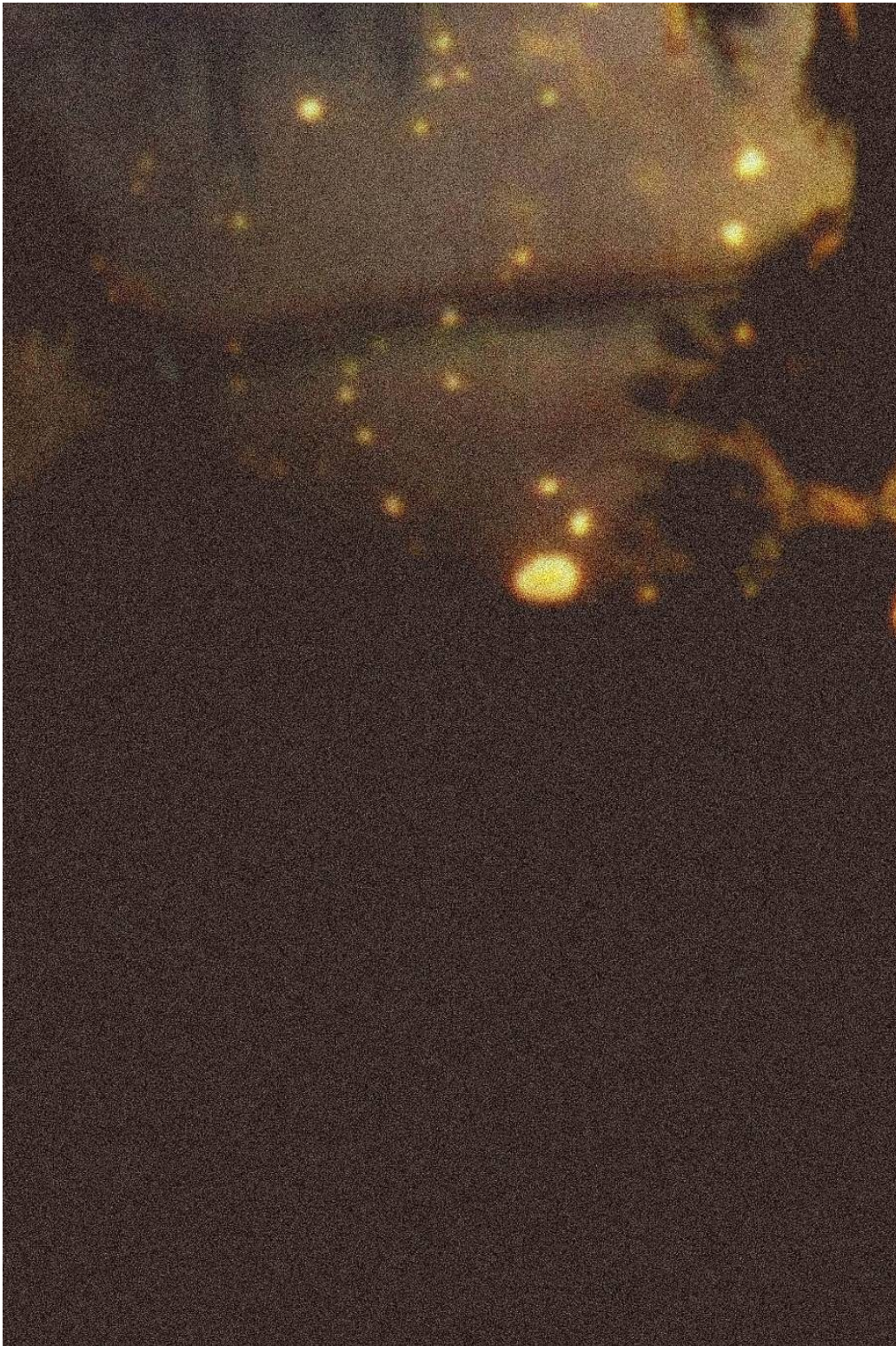












Porque o CsO é tudo isso: necessariamente um Lugar, necessariamente um Plano, necessariamente um Coletivo (agenciando elementos, coisas, vegetais, animais, utensílios, homens potências, fragmentos de tudo isto, porque não existe “meu” corpo sem órgãos, mas “eu” sobre ele, o que



resta de mim, inalterável e cambiante de forma, transpondo limiares) (Deleuze & Guattari, 2012, p.28).

A vida pode fluir a partir do corpo afectado por imagens e seus infinitos tentáculos feitos de matéria imperceptível, de matéria branca. A vida flui quando decidimos comer nossas baratas para vislumbrar o que há de imundo no mundo. A vida flui nos corpos que vestem, que bancam as cisões (ou despedaçamentos, dilaceramentos, as fragmentações) causados por aquilo que olha para eles.

O que nos olha não se encerra nem numa imagem sugestiva que carregaria uma verdade a ser desvelada, muito dependente da crença que evoca uma figurativa transcendental, nem em uma imagem estável, rasa e precisa, de temporalidade apagada que contém tudo nela mesma (Didi-Huberman, 1998). Em imagens estamos sempre caindo. Elas nos fazem sempre cair: gerando novos tempos/temporalidades, novos mundos em metamorfose, novas imagens e outras coisas a serem vistas a cada olhar.

### **Latências: do que passa, do que fica**

O que desejamos de um corpo em devir, de um corpo que se conecta às imagens, que abriga vários turbilhões de sensações, Deleuze e Guattari (2012, p.55) nos inspiram a dizer, se referindo à produção da sexualidade: é que “o que conta é que o próprio amor é uma máquina de guerra dotada de poderes estranhos e quase terríficos. A sexualidade é uma produção de mil sexos, que são igualmente devires incontroláveis”. Capturar todo esse amor, como já dizia Björk. Daí o desejo de buscar brechas, mesmo aí, nesse buraco profundo, nesse muro que já parece tão opaco. Buscar ou abrir brechas e escancará-las! De permitir a passagem desses devires incontroláveis, de corpos que não se deixam pressionar, de modos de amar, de modos de expressar o amor, de existir-corpo. Penetrar pelos poros que moram em algumas imagens. Que moram, na verdade, nas



redes que essas imagens lançam para um olhar, para um corpo receptivo. Encontros e suas redes. Entre produções de corpos em multiplicidade, biologies, sexualidades, amor, devires. Imagens também máquinas de guerra.

O que interessa ao pensamento deleuziano é cuidar “da heterogeneidade *no* que acontece”, e isso implica uma forçada abertura do sensível às ressonâncias de encontros vitais, inclusive com artes e ciências. Por isso é correto dizer que esse cuidado está amparado na experiência dos encontros intensivos (Orlandi, 2016, p. 18).

Ouso crer que os princípios científicos reproduzidos nas escolas se alimentam de um terrível paradoxo: como alcançar o real (na expectativa científica) sem sentir o real? Samuel Zanesco (2012, p. 67), inundado pelas sensações de corpos-carne pulsantes que encontra nas imagens (estilhaços) cênicas, em imagens que reverberam, em força, estímulos intensivos em quem olha (ele, que olha, e nós que olhamos com ele ao viver sua escrita), diz: “É a distorção, a deformação do real que torna a imagem mais real”:

E com esse aparato que construímos junto com imagens e movimentos, com esse corpo que habita um plano de consistência, as possibilidades de operar perfurações no interior das grandes instituições que capturam a vida, ganham força: desmanchar a imagem e puxar o fio da sensação é enveredar por outros caminhos (Zanesco, 2012, p. 67).

É real a imagem que se propaga para além de seus próprios contornos. É real na medida em que atua no corpo. “Real” não no sentido de representar um pedaço autêntico do mundo, mas no sentido de que a imagem toca existências intensivas que, são muitíssimo concretas. São pele e pêlo em arrepios que percorrem epiderme e depois se adentram mais e mais, alcançando vísceras e sangue. Isso é matéria. É rastro de impulsos nervosos. O que é mais real do que esse sistema intensivo e simbiótico imagem-afecto do qual Samuel Zanesco parece tratar em seu encontro com esses blocos imagéticos? O que é mais real do que o sentido? Não seria o corpo, na verdade, o termômetro mais apurado? Medir temperaturas com a pele é engendrar novos devires.



Pela necessidade, desfazer esse rosto que ousa moldar os corpos, que ousa construir suas identidades, que nos prende numa humanidade já delineada. Pela necessidade, construir um outro corpo, uma existência sensível que acolhe as forças do universo e, com elas, não pára de se metamorfosear. Existência intensiva por onde os fluxos podem sempre passar. Com Ana Godinho (2012), penetramos o real, a matéria do mundo, a matéria branca de G.H., com esse corpo.

Lançar-se num devir para sair desse rosto. Por uma necessidade, um destino, não para um retorno à animalidade, mas para poder procurar o material pelo qual se capturam as forças cósmicas, a consistência própria do real, a existência concreta. Por estranhos devires escapa-se ao rosto. Percurso: do rosto por um trajecto que vai até a alma. A linha é infinita e capaz de se multiplicar em todas as direções e cobrir superfícies inteiras. Desfazer um rosto para fazer um pensamento (Godinho, 2012, p. 58).

Ana Godinho (2012, p. 49) sabe o que queremos: “Desejar/ser desejado/desejar-se – eis como começa uma criança. Começa com um bloco e abre um mundo”; devir-criança como abertura de um mundo nos blocos de imagens, com as quais traçamos conexões em fluxo. Devir-criança. Ser um sem rosto capaz de tramar um corpo, uma natureza, uma vida sendo que tudo compõe em múltiplas simbioses. Abrimos um mundo, cavamos passagem!

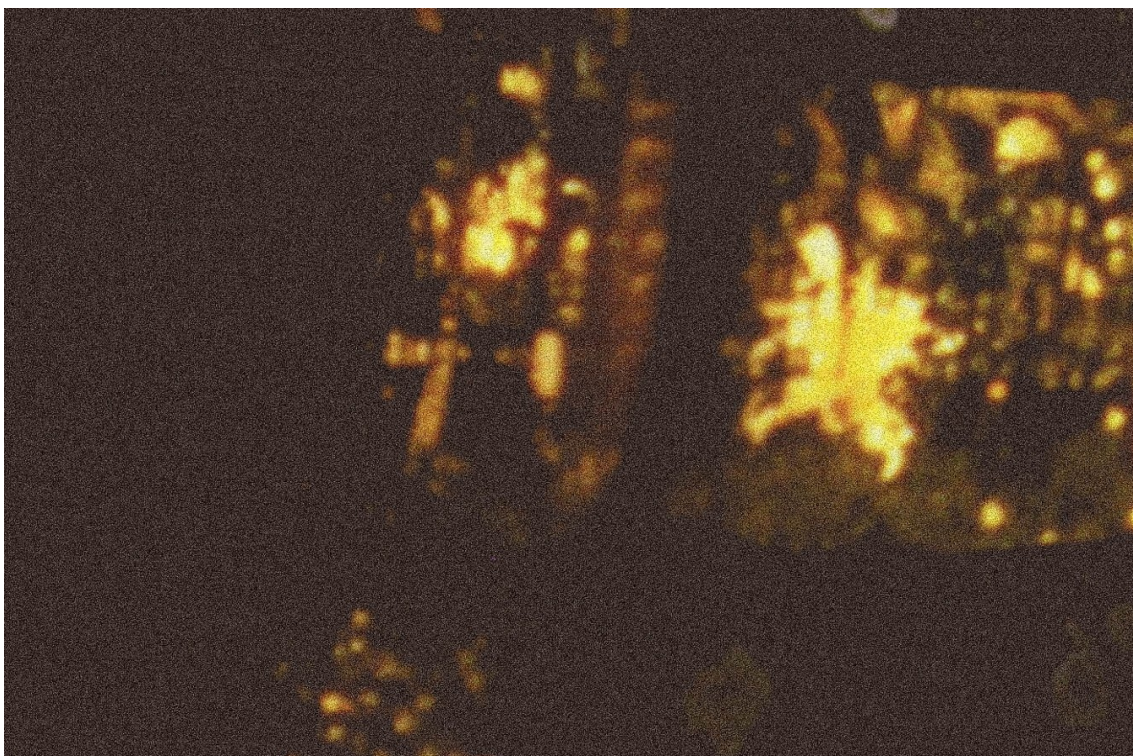
Mesmo no corpo *organ*-izado, compartimentado, funcionalizado, humano, fragmentado, sistematizado, hierarquizado, etiquetado, nomeado, endereçado, descrito, determinado, histórico, significado, subjetivado, molar, mesmo assim os fluxos fluem. Ou querem fluir. Fluxos sanguíneos, fluxos linfáticos. O sangue e a linfa pulsam num desejo de expansão. Expandem-se para o resto dos contornos e dos espaços corporais, cavidades extra-orgânicas a serem preenchidas através dos muitos buracos de passagens de um órgão a outro que deixam vaziar os fluidos. E extravasam! E certas substâncias que passaram por incontáveis processos de transformação (para ficarem cada vez menores), saem pelos poros. O corpo é um processo cósmico. Mesmo esse corpo biológico com seus limites aparentemente indiscutíveis. Tudo nele tende ao infinito. Devir-cósmico. Desejo de fazer mundos por vazamento. “O Cosmo como máquina abstrata e cada mundo como agenciamento concreto que o efetua” (Deleuze & Guattari, 2012, p.77).





“Por que não caminhar com a cabeça, cantar com o sínus, ver com a pele, respirar com o ventre, Coisa simples, Entidade, Corpo pleno, Viagem imóvel, Anorexia, Visão cutânea, Yoga, Krishna, Love, Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação” (Deleuze & Guattari, 2012, p.13).

E que esse território cujo mapa traçamos entre corpos, imagens e escritas, encontre seres que o façam continuar pulsante. Que sua consistência seja sempre alimentada. Não do mesmo modo que se desenha aqui, mas que ele vá fazendo novas conexões e tomando novas formas, abrindo novas trilhas, transformando o curso dos rios e o fluxo dos capilares. Que sua consistência esteja em sua penetrabilidade, em sua capacidade de deixar sempre passar intensidades. Que esse mapa leve a um território vital, de corpos cheios de vida.



## Bibliografia



DELEUZE, G; GUATTARI, F. 28 de Novembro de 1947 – Como criar para si um Corpo sem Órgãos? In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3.** São Paulo: Editora 34, 2ed., 2012. p. 11-33.

\_\_\_\_\_. 1730 – Devir-intenso, devir-animal, devir-imperceptível. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4.** São Paulo: Editora 34, 2 ed., 2012. p. 11-120.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo.** Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DIDI-HUBERMAN, G. O evitamento do vazio: crença ou tautologia. In: \_\_\_\_\_. **O que vemos, o que nos olha;** prefácio de Stéphane Huchet; tradução de Paulo Neves. – São Paulo: Ed. 34, 1998, 264 p.

GODINHO, A. Devir rosto e abrir o pensamento. In: **Conexões: Deleuze e Arte e Ciência e Acontecimento e.../** Susana Oliveira Dias, Davina Marques e Antonio Carlos Amorim (Orgs.). – Petrópolis, RJ: De Petrus ; Brasília, DF : CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012. 208p.

HILST, H. **Fluxo Floema.** São Paulo: Globo, 2003.

LATOURE, B. Amostragem do solo da floresta Amazônica. In: \_\_\_\_\_. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** Bauru: SP: EDUSC, 2001. 372 p.

LAZZARATO, M. Produção de subjetividade e ruptura (política). In: \_\_\_\_\_. **Signos, Máquina e Subjetividades.** Sesc São Paulo: n-1 edições, 2014, p. 13-24.

LISPECTOR, C. **A paixão segundo G.H..** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, C. **Água Viva.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ZANESCO, S. **Fragmentos cênicos, sensações indomáveis.** 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

ZOURABICHVILI, F. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento.** São Paulo: Editora 34, 2016.

*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*



- [1] Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestra em Educação pela mesma Universidade. Professora da Educação Básica na Rede Estadual de São Paulo. E-mail: marianessh@gmail.com
- [2] Trechos escritos com a música *Body Memory* do álbum *Utopia* (2017) da cantora e compositora islandesa Björk. Os termos inseridos entre aspas na seção, correspondem à tradução de versos da música, originalmente em língua inglesa.
- [3] As escritas aqui traçadas são disparadas por forças e afectos, e esses conceitos permeiam todo o trabalho. Buscamos um corpo disponível para afetar e ser afetado, como aprendemos com Espinosa: “[...] esse poder de ser afetado é necessariamente preenchido por afecções. Assim, os animais definem-se menos por noções abstratas de gênero e de espécie que pelo poder de serem afetados, pelas afecções de que são “capazes”, pelas excitações a que reagem nos limites da sua potência” (DELEUZE, 2002, p. 33). Temos um corpo, ou uma multiplicidade de corpos-escrita, corpos-música, corpos-imagem como superfícies sensíveis, por onde transitam e atravessam todos os tipos forças. Todos corpos potentes, capazes dessas afecções. Trazemos ainda nas palavras de Zourabichvili (2016, p. 70) que: “os conceitos de força e de afeto estão em conexão lógica, na medida em que a força é justamente o que afeta e é afetado. Todo afeto implica uma conexão de forças, é o exercício de uma força sobre a outra e o padecer que disso decorre. A força não é somente potência afetante, mas potência afetada, matéria ou material sensível sobre o qual se exerce uma força. A potência é clivada, ora ativa, ora passiva. Assim sendo, ‘poder’ já não tem o sentido ordinário de posse ou de ação, mas se conecta antes de tudo à sensibilidade”.
- [4] O presente artigo deriva da dissertação de nome “*Bio-anti-logias, corpos impossíveis*” apresentada em 2018 à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.
- [5] Deleuze e Guattari (2012, p. 19-20) preferem “chamar de ‘involução’ essa forma de evolução que se faz entre heterogêneos, sobretudo com a condição de que não se confunda a involução com uma regressão. O devir é involutivo, a involução é criadora. Regredir é ir em direção ao menos diferenciado. Mas involuir é formar um bloco que corre seguindo sua própria linha, ‘entre’ os termos postos em jogo, e sob as relações assinaláveis”.